

Centro Ruth Cardoso
Ciclo Juventudes
Comitê Política e Juventudes
Formação política das juventudes

*A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizam e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é **Juventudes**, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.*

*Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate **Formação política das juventudes**, realizado em 14 de setembro de 2021, no âmbito do **Comitê Política e Juventudes**.*

CONVIDADOS

- **MICHELE PRADO:** é graduanda em Ciência Política, pesquisadora sobre a extrema-direita e autora do livro *Tempestade ideológica – bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil* (Ed. Lux, 2021), resultado de sua pesquisa independente a respeito do fenômeno da alt-right e suas conexões com o bolsonarismo;
- **AUGUSTO DE FRANCO** (mediação): é criador e membro da Escola-de-Redes, que conecta pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais, à criação e à transferência de tecnologias de *netweaving*. Escreveu diversos livros sobre desenvolvimento local, capital social, democracia e redes sociais. É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Qual é a definição mais adequada de “extrema-direita”?
- Como se deu a formação de jovens brasileiros em ideias da extrema-direita nas últimas duas décadas?
- De que maneira as juventudes têm sido apresentadas e cooptadas por discursos radicalizados?
- Quais são os conceitos e as dinâmicas que norteiam a direita radical e a extrema-direita?
- Qual é o conjunto básico de leituras compartilhadas no processo de formação política da nova direita brasileira?

- Houve um processo de formação de militância na nova direita brasileira?
- De que forma a comunidade evangélica foi impactada pelas ideias da direita radical?
- Qual foi o papel dos movimentos e grupos liberais na tração às ideias bolsonaristas?
- Em que medida a esquerda (em especial, o lulopetismo), tal qual a direita, estabelece uma “câmara de eco” entre seus apoiadores, onde reverberam apenas os mesmos pontos de vista? Qual é a semelhança do uso dessa estratégia por ambos os espectros políticos?

DEBATE

MAPA DO ÓDIO: A EXTREMA-DIREITA NO MUNDO

- Afinal, o que é extrema-direita?
 - Atua dentro do campo democrático quem defende o Estado Democrático de Direito e a separação de poderes, quem respeita as minorias, as liberdades individuais e a imprensa livre;
 - Contrária a todos ou alguns desses princípios, a direita radical entende a democracia principalmente como majoritarismo;
 - Chega-se à extrema-direita quando se defende a ruptura com os pilares da democracia liberal em nome de um modelo autocrático de governança;
 - Referência conceitual: Cas Mudde, cientista político holandês;
 - Ponto de reflexão: em que medida as diferentes esquerdas se situam no campo democrático?
- Grande parte das ideias extremistas difundidas no Brasil nas últimas décadas advém dos Estados Unidos;
 - Influência grande também da *Nouvelle Droite*, a extrema-direita francesa;
 - Ao contrário das vertentes estadunidenses trazidas ao Brasil, a extrema-direita francesa é essencialmente secular, ou seja, favorável à separação entre Estado e Igreja.

“Eu posso garantir a vocês que a nova direita [brasileira] foi formada à base de lixo intelectual de fontes radicais da extrema-direita de fora do país. O imaginário dela é o que há de pior em termos de espectro político, porque a maior parte dos conceitos está entre o radical e o extremo. Não tem nada dentro do espectro moderado.” – MICHELE PRADO

- Centralidade da Internet e das redes sociais para a disseminação de ideias de extrema-direita;
 - Hoje, o digital é parte fundamental da vida do indivíduo, principalmente após um contexto de isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19;
 - Perda de credibilidade da imprensa e da própria democracia liberal – muitas vezes causada de maneira deliberada – deixou o espaço livre para a circulação de informações falsas e conspiratórias;
 - Entre todos os espectros políticos, extrema-direita é o que faz melhor uso do ambiente *on-line*: com a popularização da Internet, nos anos 1990, grupos extremistas que antes ficavam à margem do debate público, restritos ao seu território, perceberam que poderiam compartilhar ideias para além das fronteiras geográficas – “em um clique, o que era um público de dez pessoas virou um público de 20 mil pessoas”;
 - “Isclas”: ao capturar indivíduos para seus discursos, extrema-direita não se apresenta enquanto tal, mas sim oferece contranarrativas sutis como porta de entrada para conceitos radicalizados (exemplo: alienação parental como chave para mobilizar ideias misóginas vinculadas à manófera, ecossistema formado por homens de extrema-direita);
 - *Bandwagon effect*: “câmara de eco” criada nas redes sociais potencializa um comportamento de manada, em que indivíduos seguem aqueles em quem confiam sem qualquer senso crítico – especialmente influenciadores digitais, vistos como autoridade moral;
 - Demais métodos adotados: disseminação de *fake news*; uso de *bots*; criação de perfis falsos com fotos de usuários e *slogans* que geram um senso de identidade, como bandeiras do Brasil, dizeres patrióticos e religiosos.

“Hoje, as pessoas se informam pelo celular. Poucas compram jornais ou revistas impressos. Se estiverem dentro de uma bolha onde há apenas o reforço do que está sendo dito, elas ficam muito suscetíveis a se radicalizarem. Isso aconteceu no Brasil, porque quem estava na bolha da direita só consumia o que era dito ali. Houve um processo deliberado desses influenciadores [de direita] de esvaziar a credibilidade da imprensa. E [com] o discurso antissistema, o discurso antipolítica, houve também um processo deliberado de esvaziar completamente o entendimento da democracia liberal e a credibilidade das instituições. As pessoas foram perdendo a confiança. Então, não foi de um dia para o outro que aconteceu o bolsonarismo. Foi um longo processo onde entraram outras dinâmicas, muitas vezes cognitivas, que fazem essa radicalização até a pessoa ficar completamente capturada.” – MICHELE PRADO

“Nunca é assim: ‘Sou nazista mesmo, venha cá adorar [Adolf] Hitler comigo’. É sempre sutil, dissimulado, de uma forma eufemizada. Porque se eles forem muito explícitos, as pessoas vão perceber que se trata de extrema-direita ou de algo muito terrível e vão se afastar. Então, eles vão criando símbolos.” – MICHELE PRADO

- Principais correntes da direita radical e da extrema-direita no mundo:
 - Alt-right (direita alternativa): corrente radical dos Estados Unidos, essencialmente *on-line*, que reorganiza conceitos de diferentes vertentes da extrema-direita. Formada em sua maioria por jovens, a alt-right lança mão de estratégias como disseminação de *fake news*, distorção de informações, guerra memética (uso de memes) e trolagem, além do estabelecimento de mídias próprias (exemplo: *site* estadunidense *Breitbart*, coordenado por Steve Bannon). Ofereceu as bases para o trumpismo e o bolsonarismo;

"O meme atua de forma muito mais forte do que um texto, porque a ideia é facilmente entendida, a pessoa grava. E dentro de um processo de multidão, quando você faz um meme que só a direita entende, isso fortalece o sentimento de grupo. [Já] o troll é uma ação ofensiva deliberada para você capturar a atenção e amplificar seus conceitos, porque as pessoas, te criticando, começam a compartilhar o que você falou, e aí você ganha alcance, oxigena seu conteúdo. O troll é usado principalmente contra jornalistas, porque dessa forma essas pessoas conseguem chegar ao público deles." – MICHELE PRADO
 - Integralismo católico: defendem a interpretação da Constituição nacional à luz da moral religiosa, e não da leitura objetiva da lei. Principais expoentes são: Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria; Andrzej Duda, presidente da Polônia; intelectuais como Adrian Vermeule, da Universidade de Harvard, e outros ligados ao Partido Republicano estadunidense;
 - Libertários radicais (ancaps): de caráter geralmente secular, defendem comunidades homogêneas e um modelo autocrático de governo;
 - Neonazismo: adoradores de Adolf Hitler, defendem um retorno aos valores e ao modelo de sociedade da Alemanha nazista;
 - Paleolibertarianismo: corrente radical estadunidense cujas principais referências são Ludwig von Mises e Murray Rothbard, defendem conceitos econômicos ultraliberais associados a pautas culturais reacionárias. Ofereceu as bases para os *think tanks* e os institutos liberais brasileiros, bem como para grande parte dos liberistas nacionais (pessoas comprometidas somente com o liberalismo econômico, e não político);
 - Supremacistas brancos: defendem a superioridade da raça branca em detrimento dos demais grupos étnico-raciais. Principais expoentes são: o britânico Milo Yiannopoulos; o canadense Stefan Molyneux; o sueco Daniel Friberg; os estadunidenses Jack Posobiec e Stephen Miller, que atuou como conselheiro de Donald Trump durante seu mandato presidencial;
 - Supremacistas religiosos: defendem a superioridade do seu grupo religioso em detrimento de outros. Principais expoentes são: Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia; e Recep Erdoğan, presidente da Turquia;
 - Teologia do domínio: corrente fundamentalista religiosa que defende a presença de evangélicos em todas as esferas de influência na sociedade, como escolas, imprensa e

governo. Principais expoentes são: a estadunidense Sarah Palin, ex-governadora do Alasca e uma das fomentadoras do movimento Tea Party; os pastores brasileiros Edir Macedo e R.R. Soares.

"Dentro da extrema-direita, nem todo mundo é nazista. Há várias correntes. Não se pode pensar a extrema-direita como um bloco monolítico onde todos pensam da mesma forma." – MICHELE PRADO

- E o bolsonarismo?
 - Movimento essencialmente *on-line*, gestado dentro das redes sociais (em especial, o Facebook) para, a partir dali, alcançar o ambiente físico;
 - Uso estratégico de aplicativos de mensagens como o WhatsApp para a divulgação massiva de conteúdos, a mobilização de apoiadores e a articulação interna dos influenciadores bolsonaristas;
 - Financiamento de diversos empresários brasileiros para a produção e a circulação de ideias alinhadas ao bolsonarismo, como *think tanks* e institutos liberais, além da publicação e venda de livros – inclusive em uma rede de articulação internacional (exemplos: Hélio Beltrão e Salim Mattar).

BRASIL À DIREITA: UMA LINHA DO TEMPO

- Início dos anos 2000: criação das primeiras comunidades *on-line* de pessoas insatisfeitas com o governo Lula (PT), então em seu primeiro mandato presidencial;
 - Ainda não se falava nesses grupos em termos de direita *versus* esquerda nem em teorias conspiratórias como "marxismo cultural": objetivo era compartilhar críticas a políticas e posturas do governo federal a partir de uma mobilização orgânica dos indivíduos.

"Depois que surgiu o escândalo do mensalão [em 2005], as pessoas que falavam contra o PT nas redes sociais começaram a ser atacadas. Você não podia criticar o PT. A gente votava no PSDB na época, e o PSDB era chamado de nazista, de extrema-direita, de fascista etc. Esse comportamento muito forte de patrulha e de pouco tipo de interlocução com quem não dissesse 'amém' a tudo que fosse petista foi alienando as pessoas. Então, aqueles que não votavam no PT e que não tinham qualquer tipo de ideologia começaram a se encontrar no Orkut, depois no Facebook, e a criar laços, conversar sobre as coisas, poder criticar o governo sem ter nenhum tipo de reação como tantas que aconteciam." – MICHELE PRADO

"É interessante explorar como a esquerda, por meio da alienação política de muitas partes, acabou dando margem para as pessoas procurarem [as ideias da nova direita]. Isso não foi só no Brasil, foi no mundo inteiro. Quer dizer, a esquerda foi alienando da conversa política um setor enorme da população." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- 2006: Olavo de Carvalho estreia o programa *True Outspcak* no YouTube, compartilhado também em seu *site Mídia sem máscara*. Com cerca de duas horas de duração, o programa difundia teorias e conceitos da extrema-direita.
- 2008: crescem as menções a Olavo de Carvalho e a disseminação de seu conteúdo nas redes sociais, principalmente após as primeiras turmas de seu curso *on-line*.
- 2010: com a eleição de Dilma Rousseff para a presidência, que significou a continuidade do PT no governo federal, intensificam-se os laços criados pelas pessoas identificadas com a direita.
- 2013: é lançado o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, com artigos de Olavo de Carvalho compilados por Felipe Moura Brasil. Publicado pela editora Record, então coordenada por Carlos Andreazza, o livro se torna um fenômeno de vendas;
 - Junho: manifestações de rua tomam o Brasil;
 - Compartilhando ideias vinculadas à alt-right estadunidense (muitas vezes em discursos adaptados ou dissimulados), alunos de Olavo de Carvalho se estabelecem como os principais influenciadores e formadores de opinião da nova direita brasileira;
 - O que era uma oposição política pautada no antipetismo começa a dar lugar a teorias conspiratórias e conceitos ideológicos da extrema-direita, inclusive em esferas do debate público nacional.

"Com a polarização PT versus PSDB, o antipetismo começou a ficar patológico em 2013, porque tivemos dois governos de Lula, um terceiro de Dilma, e nas redes havia cada vez mais patrulha. Você realmente não conseguia falar nada. E, vejam, eu não quero culpar o PT por ideias que foram introduzidas por outros agentes. Mas não podemos esquecer esses fatores porque foi o que proporcionou a junção de muitas pessoas dentro de um único ambiente, e ali as pessoas passaram a receber informações, conceitos da extrema-direita e da direita radical. E aí, a radicalização aconteceu. Obviamente, há pessoas que já tinham essas ideias em mente, há de fato racistas, supremacistas, homofóbicos, misóginos. Lógico que há. Mas outras pessoas podem ter sido radicalizadas nesse ambiente, porque existem processos cognitivos que atuam dessa forma quando estamos em uma câmara de eco." – MICHELE PRADO
- 2014: Olavo de Carvalho faz seu primeiro *hangout* com a família Bolsonaro. Entre os alunos olavistas, Jair Bolsonaro começa a ser cogitado como um nome para as eleições presidenciais de 2018.
- 2016: crescente radicalização das redes sociais de direita, principalmente em torno das ideias de Olavo de Carvalho;
 - Agosto: Dilma Rousseff sofre *impeachment*;

- Após o *impeachment*, bolsonarismo ganha ainda mais tração entre a direita brasileira, em especial por meio da atuação de mídias como *Terça Livre*, de Allan dos Santos, e *Crítica Nacional*, de Paulo Eneas;
- A partir do *impeachment* e nos anos seguintes, a mobilização de manifestações de rua à direita se torna cada vez menos espontânea e mais centralizada em grupos interessados em disputar capital financeiro e político (exemplo: MBL);
- Discussões sobre o Brexit britânico impulsionam a introdução no debate público brasileiro de figuras consideradas extremistas em seus países de origem, mas apresentadas como referências positivas para a direita do Brasil (exemplo: Nigel Farage, do partido de extrema-direita britânico UKIP).

"[A militância de direita] era orgânica até o impeachment virar negócio para algumas pessoas e grupos. Quando a coisa de mobilizar, de levar a direita para a rua, começou a virar negócio, ou seja, quando se começou a ganhar dinheiro com isso, quando se virou praticamente um partido, um agente político, aí realmente parou de ser orgânico, porque você passa a ter um comando centralizado. Você tinha quem pedia, quem convocava, quem boicotava. Um boicotava a manifestação do outro, isso acontecia muito. E de repente não é só [ganhar] dinheiro, é status, é reconhecimento intragrupo, você sai do anonimato." – MICHELE PRADO

- 2017: o ecossistema da direita começa a debater quem seria seu representante nas eleições presidenciais do ano seguinte – PSDB, partido Novo, Henrique Meirelles ou Jair Bolsonaro;
 - Criação de um "consenso fictício" nas redes sociais da direita de que Bolsonaro seria o candidato ideal por ser o único capaz de derrotar o PT nas urnas – processo para o qual foi fundamental a atuação de um grupo de cerca de 40 influenciadores olavistas, como Filipe G. Martins;
 - "Frankenstein": cada vez mais o bolsonarismo passa a agregar em torno de si vertentes distintas da direita, como os movimentos libertários, os *think tanks* liberais e os grupos conservadores, organizados em *lives* e *hangouts* coletivos – antes centralizada na figura do PSDB, oposição ao PT se desloca para a direita e para Bolsonaro, especificamente;
 - Pessoas do ecossistema da direita contrárias a Bolsonaro ou questionadoras das ideias de Olavo de Carvalho se tornam alvo de ataques cada vez mais intensos, como linchamentos virtuais, destruição de reputação e ameaças de violência.

"Eu frequentava os movimentos liberais e vi dentro da bolha liberal o surgimento de uma política identitária de direita. Foi por meio dessa política que a direita conseguiu agrupar tantos grupos e frações, inclusive os conservadores. Na ocasião do fim do governo Dilma, a prioridade do movimento liberal e dos conservadores era a luta contra o PT. Então, dentro dessa luta houve uma grande frente com diversas frações de movimentos conservadores e liberais. Isso foi mais ou menos o que chocou o ovo da serpente. A partir daí, o campo mais reacionário da direita, mais estritamente bolsonarista, passou a ter

hegemonia, e os liberais, até os libertários, começaram a ser um pouco marginalizados.” –

INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- 2018: cresce dentro da direita a pressão (ou a coação) para que Jair Bolsonaro seja eleito presidente já no primeiro turno;
 - Setembro: Bolsonaro é esfaqueado em um evento de campanha, em Juiz de Fora (MG);
 - Outubro: no segundo turno das eleições, Jair Bolsonaro é eleito presidente da República.

“A facada foi um ponto importante. Porque quando aconteceu, muita gente olhou para todas aquelas teorias que estavam circulando, de que existe um grande domínio dos globalistas que querem escravizar o mundo com o marxismo cultural etc., e pensou: ‘Então era isso mesmo que o Olavo [de Carvalho] falava’. Para muitas pessoas, o episódio foi uma confirmação das teorias conspiratórias que elas passaram anos recebendo, e aquilo fez com que fossem votar em [Jair] Bolsonaro logo no primeiro turno. Gente que fazia campanha para o João Amoêdo, por exemplo, quando teve a facada declarou voto no Bolsonaro.” – MICHELE PRADO

“Em 2018, fui convidada para um grupo de WhatsApp de influenciadores da direita. Eu vi o que não era dito por eles publicamente, mas que era dito internamente. E aqueles comentários me impactaram [de uma maneira] muito forte, porque eu percebi que vários influenciadores ali não tinham nenhum tipo de compromisso com a democracia, com a ordem democrática. Alguns chegaram a sugerir no grupo que quando Bolsonaro ganhasse bastaria um general louco para dar o golpe, que a população apoiaria. Aquilo acendeu um alerta para mim.” – MICHELE PRADO

- 2019: no dia da posse, Carlos Bolsonaro desfila no carro presidencial junto com o pai recém-eleito, em uma clara demonstração de diluição das fronteiras entre público e privado;
 - “Sem dúvida nenhuma é um governo de extrema-direita”: com a chegada ao poder – o que significa acesso aos meios, às verbas e ao alcance conferidos pelo título de autoridade máxima do país –, aumenta a radicalização bolsonarista.
- Futuro: ascensão do extremismo a partir da radicalização *on-line* – principalmente de jovens – e consequentes episódios de terrorismo doméstico de extrema-direita são preocupações centrais no longo prazo, seja no Brasil, seja no restante do mundo;
 - Impacto da tecnologia no comportamento social das novas gerações ainda não foi devidamente mapeado: radicalização *on-line* já é sentida, como mostra o caso recente de um jovem de 13 anos condenado na Inglaterra por planejar um ataque neonazista;
 - “Tentar agregar, e não afastar”: dificuldade de romper com a lógica da polarização para criar consensos entre grupos políticos distintos (não só em termos de direita e esquerda,

- mas também em relação a comunidades religiosas, principalmente evangélicas) de forma a oferecer soluções para problemas como corrupção e segurança;
- Falta de cidadania digital, de um lado, e de alfabetização democrática, de outro, torna as pessoas menos resilientes diante de teorias conspiratórias e discursos radicalizados;
 - Importância de compreender os processos que nos trouxeram até aqui para construir saídas.

"A polarização não é boa para ninguém, muito menos para a sociedade. Ela vai esgarçando o tecido social, vai impedindo que as pessoas dialoguem de forma civilizada e encontrem consensos. Porque em uma sociedade a gente vive na busca do consenso, não do dissenso. Nunca será possível agradar a todos os espectros ideológicos, a todas as matrizes religiosas, a diversidade humana é imensa. Então, a gente precisa buscar o consenso. Só que certos agentes públicos, certos partidos, certos movimentos, eles atuam na polarização, porque a polarização é um capital político para eles. Tanto para o bolsonarismo quanto para o petismo. Quanto mais eles polarizam, mais têm capital político para tentar capturar pessoas." – MICHELE PRADO

"Como tudo isso aconteceu e muitos de nós não vimos? Como é que um grande público jovem ficou atraído por essas ideias? Como é que o processo se operou e teve continuidade? Até hoje, não temos um diagnóstico preciso disso." – AUGUSTO DE FRANCO

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- "A democracia como valor universal", ensaio de Carlos Nelson Coutinho publicado em *Encontros com a Civilização Brasileira* (1979)
- *Desinformação nas redes sociais*, sistematização do debate promovido pelo Centro Ruth Cardoso com Letícia Cesarino e mediação de Francisco Brito Cruz (2021): <https://bit.ly/2YyKTpd>
- *Falando sobre ataques online e trolls: um guia para jornalistas e criadores de conteúdo na Internet*, publicação de InternetLab e Redes Cordiais (2021): <https://bit.ly/3oTb5pE>
- "Militância nas redes", entrevista com o antropólogo Orlando Calheiros no *podcast Lado B do Rio* (2020): <https://bit.ly/3BvvdBM>
- *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, livro de Olavo de Carvalho (2013)
- *Por que democracia?*, livro de Francisco C. Weffort (1984): <https://bit.ly/2YJ6j3t>
- *Religião e Poder*, plataforma que oferece dados abertos, pesquisas, reportagens e demais materiais sobre a interface entre religião e política institucional brasileira, além de monitorar a

atuação de agentes políticos com identidade religiosa no Executivo, Legislativo e Judiciário, em uma parceria entre Instituto de Estudos da Religião e Gênero e Número: <https://bit.ly/3hrhGmC>

- *Selected Works of Cas Mudde*, site oficial com livros, artigos e entrevistas do cientista político holandês: <https://bit.ly/2YFX5ol>
- *Tempestade ideológica – bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil*, livro de Michele Prado (2021): <https://bit.ly/3mqDgcO>